

UM RELICÁRIO DE INTIMIDADES: *LO QUE FUE PRESENTE*, DE HÉCTOR ABAD FACIOLINCE

Carla Carolina Moura Barreto*

 <https://orcid.org/0000-0003-2825-4451>

Tatiana da Silva Capaverde**

 <https://orcid.org/0000-0002-7826-7640>

Como citar esta resenha: BARRETO, C. C. M.; CAPAVERDE, T. da S. Um relicário de intimidades: *Lo que fue presente*, de Héctor Abad Faciolince. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 1-4, maio/ago. 2022. DOI 10.5935/1980-6914/eLETRE15238

Submissão: março de 2022. **Aceite:** junho de 2022.

■ **H**éctor Abad Faciolince é um escritor, jornalista e tradutor nascido em Medellín, na Colômbia, em 1958. Faciolince é considerado um dos maiores escritores da era pós-*boom* latino-americano, sendo uma das vozes primordiais da literatura colombiana contemporânea. O autor possui uma vasta produção literária e seus textos foram traduzidos para diversas línguas, como inglês, italiano, português, francês e alemão. Dentre suas obras, podemos destacar *Tratado de culinaria para mujeres tristes* (1996), *Basura* (2000), *Oriente empieza en El Cairo* (2001), *Palabras sueltas* (2002), *Angosta* (2003), *El olvido que seremos* (2006) – mais famosa e aclamada pela crítica –, *Las formas de la pereza* (2007), *El amanecer de un marido* (2008), *Traiciones de la memoria* (2009), *Testamento involuntario* (2011), *La oculta* (2014) e *Lo que fue presente* (2019), última obra lançada até então, composta por seus diários pessoais, datados de 1985 a 2006, entre outras.

* Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil. E-mail: carolinbarreto1@gmail.com

** Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: tatianacapaverde@gmail.com

Em novembro de 2019, Héctor Abad Faciolince revela seu íntimo ao mundo, ao publicar seus diários pessoais. Em *Lo que fue presente*¹ (2019), Faciolince reúne seus escritos diarísticos desde 1985 até a publicação da obra *El olvido que seremos*, em 2006. Nesses diários, Faciolince reúne fragmentos de recordações imprecisas de distintos momentos de sua vida adulta, revelando suas angústias, seus relacionamentos amorosos e familiares, suas leituras, seus projetos literários, seu exílio na Itália e sua profunda dor diante da perda de seu pai, Héctor Abad Gómez², em 1987. Na obra, Faciolince, além de debater o gênero diário dentro de seus próprios diários, disponibiliza uma leitura de sua ideologia e de sua visão de mundo, sendo toda a obra marcada pelo testemunho descarnado sobre como nasce um escritor e como se aprende a enfrentar as durezas da vida, as perdas, as separações, os problemas cotidianos e como lidar consigo mesmo.

A obra é composta por entradas, em sua maioria, datadas. Para destacar partes do texto, em lugar do uso do negrito ou do itálico, troca-se a cor da fonte do preto para o vermelho, num processo de alteração de cores que se prolonga por todo o diário. Em seu interior, o livro possui algumas ilustrações, como, por exemplo, imagens digitalizadas dos cadernos de Faciolince, isto é, o diário em sua versão original, escrito à mão (Figura 1). As imagens são inseridas na obra a fim de comprovar aos leitores que o objeto diário, de fato, existe. Assim, o autor atribui veracidade ao processo de escrita dele, de modo a dividir com o leitor esse procedimento de resgate e reescrita dos diários.

Figura 1 – Entrada de 25 de agosto de 1998 e anotações avulsas



Fonte: Faciolince (2019, p. 402).

1 A obra ainda não foi publicada no Brasil.

2 Gómez foi um médico, professor universitário, escritor e defensor dos direitos humanos colombiano que, por lutar contra a violência paramilitar que se instalou na Colômbia na década de 1980, foi assassinado em 25 de agosto de 1987, vítima de um plano paramilitar arquitetado com o intuito de exterminar militantes considerados de esquerda. Após esse trágico acontecimento, Faciolince também passa a ser perseguido e exila-se na Itália, dando início a um período de crises existenciais e financeiras, mas, também, de muita escrita sobre suas dores e dificuldades.

Como mencionado, Héctor Abad Faciolince narra o que aconteceu a seu pai, Héctor Abad Gómez, e como ele se sente sobre isso ao longo dos anos. A cada 25 de agosto, aniversário de morte do pai, vamos acompanhando como Faciolince lida com essa recordação dolorosa e como seu pai se mantém vivo em sua memória, mesmo com o passar dos anos. É nítido o sentimento de revolta nas páginas do diário abadiano. A impunidade em relação ao assassinato do pai, as injustiças sociais, o paramilitarismo e a violência colombiana levam o protagonista a odiar, rejeitar e sentir vergonha de seu próprio país de origem, que tanta dor lhe causou: “Siento, cada vez más, una profunda verguena de ser colombiano, de tener siquiera algo en común con esa horda de asesinos [...]. He perdido el respeto y la compasión por mi pueblo. *Por ahora*” (FACIOLINCE, 2019, p. 77, grifo do autor).

Abad Faciolince escreve sobre si com o intuito de, também, aliviar-se. O autor faz desse diário, definido por ele como um “testimonio de un hombre inmaduro” (FACIOLINCE, 2019, p. 11), um relicário em que ele deposita suas mais profundas intimidades e memórias. Abad faz dele um confessorário criado para não enlouquecer, como afirma em seu prólogo: “Me di cuenta de que los había escrito para no enlouquecer, para dejar puesta en palabras mi locura e intentar tener, en la vida, un comportamiento más normal, más cuerdo, menos insensato” (FACIOLINCE, 2019, p. 11).

Faciolince, ao manter um diário, além de preservar o vivido, registrando-o, desabafa, reflete sobre seus conflitos interiores e toma-o como confidente, funções do diário, segundo Philippe Lejeune, em seu texto “Um diário todo seu” (2014). Nele, o escritor volta-se a si mesmo num mergulho no eu, em busca de autoconhecimento e autocompreensão. No entanto, quando decide publicá-lo, ele inicia um minucioso processo de seleção e reconstrução, trazendo o que um dia foi presente para o presente de muitos de seus leitores.

Ao recortar, acrescentar, alterar nomes, rememorar, Faciolince adiciona ficção aos seus diários, transformando seu relicário de intimidades em um projeto literário. O autor, ao publicar seus diários pessoais, faz escolhas narrativas, iluminando certos pontos e deixando à sombra outros. Sendo assim, esse acesso ao íntimo, à “verdade”, aos “segredos” do autor, dá-se na chave da construção literária de um diário, uma recriação, tal qual debate Seligmann-Silva (2009), ao tratar da escrita performática do gênero diário. Com isso, Faciolince torna a narrativa complexa e provoca alguns questionamentos sobre o estatuto literário da obra, a mescla entre realidade e ficção, questões autorais, a relação entre o eu e o outro etc.

Em *Lo que fue presente*, Abad Faciolince tem ciência de que suas narrativas possuem um caráter testemunhal e deixa claro o desejo de registrar a vida e imortalizar-se por meio da escrita. Diz ele:

[...] que la escritura sea como mi cuerpo vivo, como mi mano que aprieta la mano de otro. Que lo que escribo tenga cuerpo, que no sea un cadáver. El escritor lucha contra la muerte. [...] grita: miren, esto es la vida, yo también la vi, la sentí (FACIOLINCE, 2019, p. 225).

Segundo Seligmann-Silva (2010), o testemunho e o diário são dispositivos que surgem dentro da literatura a partir do embate entre o eu e o mundo violento e atuam como marcas ou pegadas do indivíduo e de sua história, em uma época em que a sociedade mais se esquece do que se lembra. Ainda de acordo com o professor Seligmann-Silva (2008), a narrativa de cunho testemunhal é

uma tentativa de reunir fragmentos de um “passado que não passa” e, portanto, uma atividade elementar para aquele que vivenciou uma experiência de radical violência ou pontuada por pequenas rupturas que se acumularam em uma determinada extensão de tempo. A testemunha, ao passar por um período de sofrimento, busca a atenção e a escuta de outro, a fim de confessar-se e aliviar-se, surgindo, assim, extrema necessidade de narrar o passado a fim de livrar-se dele. Além disso, um dos propósitos de “narrar o inenarrável” (SELIGMANN-SILVA, 2008) é, como dito, preservar, manter ativa a lembrança, a fim de evitar que o passado bárbaro seja apagado pelo tempo e que torne a ocorrer. Sendo assim, esses textos testemunhais têm como objetivo dar visibilidade às vozes silenciadas pelo trauma e, desse modo, alertar o leitor sobre questões políticas e sociais, de maneira a apresentar experiências dolorosas e representativas que não correspondem a apenas um indivíduo, mas, sim, a uma coletividade.

Na narrativa diarística de Héctor Abad Faciolince, isso é muito evidente. O escritor, no desenrolar de seu texto, nos revela suas tragédias pessoais, tudo o que viu e viveu, colocando-se no lugar de testemunha, isto é, aquele que experienciou um fato e que, agora, nesse texto, está disposto a contá-lo. Com isso, percebemos que Faciolince é um sujeito ferido, que procura a cura de seu trauma na prática da escrita diarística, de maneira a buscar consolo no papel, elaborando esteticamente e de forma sutil a singularidade de suas experiências.

Abad Faciolince, como bom conhecedor dos labirintos da memória, algo comprovado em obras como *El olvido que seremos* e *Traiciones de la memoria*, parte, também, da dificuldade do rememorar para dar um tom ficcional aos seus textos, deixando claro que ele próprio não confia naquilo que relembra e narra em seus diários. Assim, ele joga um jogo autoficcional em sua narrativa diarística, um jogo de esconde/revela, de diz/não diz, de afirmação e negação: “No soy lo que parezco; no parezco lo que soy” (FACIOLINCE, 2019, p. 40), a fim de registrar, problematizar, representar e fazer lembrar, sem deixar de tocar em temas necessários para a sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

LEJEUNE, P. Um diário todo seu. In: LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Revista de Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, M. “O esplendor das coisas”: o diário como memória do presente na Moscou de Walter Benjamin. *Revista Escritos*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, p. 161-185, 2009.

SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010.

FACIOLINCE, H. A.
<i>Lo que fue presente.</i>
Bogotá: Alfaguara, 2019.